

# A CRISE ECOLÓGICA E UM NOVO HUMANISMO HOLÍSTICO: O ECO-SER

*THE ECOLOGICAL CRISIS AND A NEW HOLISTIC HUMANISM: THE ECO-SELF*

*LA CRISIS ECOLÓGICA Y UN NUEVO HUMANISMO HOLÍSTICO:  
EL ECO-SER*

Roberto Rohregger<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo, abordamos o desequilíbrio ambiental atual, suas principais causas e os caminhos necessários para mudar o rumo catastrófico que a humanidade está trilhando. Ao avaliar a situação atual e a iminente intensificação da crise ambiental, é imperativo repensar a mentalidade produtivista/consumista que impulsiona o progresso conforme está estabelecido atualmente. Isso implica em uma mudança na percepção da sociedade em relação ao nosso estilo de vida. Este artigo também discute a crise ecológica e a responsabilidade associada a ela. O primeiro passo necessário para promover uma transformação na mentalidade individual é a conscientização da sociedade. Na primeira parte, oferecemos uma breve contextualização da crise e enfatizamos a necessidade de conscientização da sociedade. Isso é o primeiro passo essencial para desenvolver uma mentalidade que permita a mudança da percepção de vida, passando do consumismo para uma percepção integrada com a natureza, promovendo o desenvolvimento do "eco-ser." Em seguida, identificamos a necessidade de uma mudança de paradigma para alcançar essa transformação comportamental. No último tópico, desenvolvemos uma breve reflexão sobre a possibilidade de uma nova humanidade comprometida com os valores ambientais. Em conclusão, fica claro que a alternativa a essa mudança é uma sentença de morte. A capacidade de criar uma nova mentalidade e adotar atitudes que garantam a sobrevivência do planeta está nas mãos da humanidade.

**Palavras-chave:** crise; ecologia; humanismo.

## Abstract

In this article, we address the current environmental imbalance, its primary causes, and the essential routes to redirect humanity away from the catastrophic path it is currently on. When evaluating the current situation and the imminent worsening of the environmental crisis, it is crucial to reevaluate the prevailing productivity- and consumer-driven mindset that propels progress. This necessitates a shift in how society perceives our way of life. The article also explores the ecological crisis and the related responsibilities. The initial step in reshaping individual perspectives is to cultivate societal awareness. In the first section, we provide a concise contextualization of the crisis, underscoring the imperative need for societal awareness. This serves as the foundational step in fostering a mindset that facilitates the transition from consumerism to an integrated alignment with nature, thus promoting the development of the "eco-being." Subsequently, we underscore the necessity for a paradigm shift to bring about this transformation in behavior. In the concluding section, we offer a brief reflection on the potential for a new humanity dedicated to environmental values. In summary, it is evident that the alternative to this transformation is a path towards destruction. The ability to cultivate a new mindset and embrace attitudes that safeguard the planet's survival rests in humanity's hands.

**Keywords:** crisis; ecology; humanism.

## Resumen

---

<sup>1</sup> Mestre em Bioética pela PUCPR, pesquisando as implicações bioéticas da biotecnologia, possui especialização em Psicoteologia e Bioética pela Faculdade Evangélica do Paraná - FEPAR e Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP), e em Formação de Docentes para EAD pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). MBA em Diplomacia e Relações Internacionais - Centro Universitário Internacional (UNINTER), Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná, Formação Pedagógica em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: roberto.r@uninter.com

En este artículo, abordamos el desequilibrio ambiental actual, sus principales causas y los caminos necesarios para cambiar el rumbo catastrófico que la humanidad está recorriendo. Al evaluar la situación actual y la inminente intensificación de la crisis ambiental, es imperativo repensar la mentalidad productivista/consumista que impulsa el progreso conforme está establecido actualmente. Eso implica un cambio en la percepción de la sociedad con relación a nuestro estilo de vida. Este artículo también discute la crisis ecológica y la responsabilidad asociada a ella. El primer paso necesario para promover una transformación en la mentalidad individual es la concientización de la sociedad. En la primera parte, ofrecemos una breve contextualización de la crisis y enfatizamos la necesidad de concientización de la sociedad. Eso es el primer paso esencial para desarrollar una mentalidad que permita el cambio de la percepción de vida, pasando del consumismo para una percepción integrada a la naturaleza, promoviendo el desarrollo del “eco-ser”. Enseguida, identificamos la necesidad de un cambio de paradigma para alcanzar esa transformación comportamental. En el último tópico, desarrollamos una breve reflexión sobre la posibilidad de una nueva humanidad comprometida con los valores ambientales. Em conclusión, se queda claro que la alternativa a ese cambio es una sentencia de muerte. La capacidad de crear una nueva mentalidad y adoptar actitudes que garanticen la supervivencia del planeta está en las manos de la humanidad.

**Palabras clave:** crisis; ecología; humanismo.

## **1 Introdução**

A crise ambiental pela qual estamos passando é, antes de tudo um problema ético, com impactos diretos no modelo capitalista moderno. Isso implica em profundas alterações comportamentais que devem mudar a forma como nossa sociedade está estruturada. Vivemos um momento muito importante em relação à questão ambiental nos anos 1990 e começo de 2000, porém o debate e ações governamentais acabaram esfriando nos últimos anos. Houve avanços significativos, mas esses avanços não são perenes se não forem amparados por medidas de políticas públicas persistentes para evitar uma regressão.

Avaliando tanto a situação atual quanto a possibilidade bastante evidente de aprofundamento da crise ambiental, é necessário considerar uma mudança significativa na mentalidade produtivista/consumista que impulsiona o progresso, como está estabelecido atualmente. Isso implica em uma mudança na forma como toda a sociedade percebe nossa maneira de viver.

O relatório Mudança Climática 2021, elaborado para o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), aponta a influência humana no aquecimento do planeta, que está ocorrendo em um ritmo sem precedentes pelo menos nos últimos 2 mil anos. As consequentes mudanças na temperatura e nos extremos climáticos afetam todas as regiões do mundo. Prevê-se que esses efeitos continuem em longo prazo, afetando ecossistemas dos mares e pessoas que dependem deles (Nações Unidas, 2021). Dessa forma, faz-se necessário estabelecer uma mudança de paradigma sobre a forma como nos relacionamos com a natureza, uma mudança de percepção do ser integrado com a natureza de forma holística.

## **2 A necessária conscientização do problema ecológico**

O filósofo Hans Jonas nos alerta que temos uma responsabilidade para com as gerações futuras, isto é a responsabilidade para a manutenção de uma vida autêntica humana (Jonas, 2006). Em outras palavras, devemos garantir hoje a possibilidade de vida humana digna no futuro. O paradigma de crescimento/progresso constante e contínuo nos moldes atuais é insustentável para a vida no planeta. Portanto, é necessária uma mudança de mentalidade em relação à ideia de progresso humano, que seja justa e sustentável.

Diante da necessidade de uma consciência por parte de toda a sociedade civil e governamental, encontramos um paradoxo. Uma vez que a inclusão social necessita de desenvolvimento econômico e o desenvolvimento requer avançar no meio ambiente, parece que estamos em um círculo vicioso. Isso exige uma remodelagem dos padrões sociais, baseados mais na distribuição do que na acumulação. Aqui, somos confrontados com o desejo de Deus no relato da criação, o homem e a natureza em harmonia. Segundo Boff, a quebra deste paradigma deve ser o “cuidar”:

O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. Há um descuido e um descaso, pela vida inocente das crianças; pela sorte dos desempregados e aposentados; pelos sonhos de generosidade; pela sociabilidade nas cidades; pela dimensão espiritual do ser humano; pela salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra (Boff, 2001, p. 19).

Faz-se necessário que o desenvolvimento econômico e técnico-científico estejam realmente a serviço da sociedade. Isto implica que o desenvolvimento deve ser subalterno ao ser humano, servindo e não sendo servido. O atual modelo econômico implica na concentração de poder nas mãos de algumas instituições, o que acaba promovendo a concentração financeira e de interesses.

O desenvolvimento humano não parece ser o objetivo principal da sociedade atual, mas o simples acúmulo de dinheiro e poder. Este modelo está colocando em risco a garantia de dignidade da vida para esta geração e para as posteriores. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), 40 milhões de meninas e meninos brasileiros estão expostos a mais de um risco climático ou ambiental. O número é equivalente a 60% dos jovens no país. (Nações Unidas, 2022). Não é aceitável que uma sociedade possa conviver com um risco tão significativo para suas crianças, um risco que tende a se agravar se nenhuma ação for tomada.

Se a humanidade tem um futuro ou se ela irá morrer nos próximos séculos, depende da nossa vontade de viver, e mais precisamente de nossa vontade incondicional de uma vida una e indivisível. Se a humanidade deve viver ou morrer, é uma questão que não pode ser respondida a partir de metas racionais, mas somente a partir do amor a vida. Já agora passamos, individual e coletivamente, por tantos espoliamentos e

destruições da vida que um sim incondicional à vida já se torna difícil. Acostumamos à morte, pelo menos à morte de outras criaturas e de outros seres humanos. Com esse habituar-se a morte já tem início o próprio endurecimento. Portanto o que importa é afirmar a vida, a vida das outras criaturas, dos outros seres humanos e nossa própria vida (Moltmann, 2010, p. 11).

A atual situação climática do planeta exige uma posição sobre a redução da degradação da natureza. Isso implica na posição dos governos por meio de medidas e investimentos em vários aspectos, abrangendo a economia e o investimento em pesquisa e tecnologia que possam reduzir os efeitos do aquecimento global e a médio e longo prazo estancar o aumento de poluentes na natureza. No entanto, uma questão mais fundamental é a mudança do paradigma da mentalidade atua. É preciso criar condições para a conscientização e transformação das expectativas individuais e sociais o ser humano, uma mudança do ser para o consumo para o ser para a ecologia, o eco-ser.

### **3 Mudança de paradigma para o surgimento do eco-ser**

O papel da teologia é de refletir sobre as questões inerentes à vida e à espiritualidade humana por meio da razão alicerçada pela fé. A ecoteologia realiza esta ação por meio da fé pensada no horizonte da consciência planetária, visando entender as implicações da ação humana e sua coerência do mandato divino, visando a compreensão da responsabilidade humana pelo futuro da manutenção da vida humana e o respeito pela vida.

El concepto ecología fue ampliando y diversificando su sentido desde los años setenta, cuando apareció el Informe del Club de Roma, el cual advertía sobre la necesidad de tener precaución y regulación en torno al uso de los recursos de la naturaleza, porque no todos son renovables y un día acabarán, así mismo, este informe, denunciaba la desmedida explotación hoy de estos recursos, a mano de grandes potencias mundiales. Por último, deja claro que hoy todo ser humano es responsable del deterioro ambiental (Muriel; Trujillo, 2018).

Apesar de avanços importantes, inclusive na forma de conscientização, estes avanços não são perenes se não forem amparados por medidas de políticas públicas persistentes para que não haja regressão. É preciso refletir como os diversos acordos internacionais sobre o meio ambiente tem sido de pouca eficácia para mudar o quadro geral do desequilíbrio ambiental, apesar dos diversos alertas, a cada encontro, cada vez mais alarmantes e com evidências marcantes relacionados a ação humana na natureza.

Avaliando tanto a situação atual quanto a possibilidade do aprofundamento da crise ambiental é necessário pensar em uma mudança significativa na mentalidade

produtivista/consumista que impulsiona o progresso como se está estabelecido atualmente. Isso significa uma mudança na forma como toda a sociedade percebe a nossa forma de viver.

Hoje a humanidade já utiliza mais recursos que a natureza consegue. Em outras palavras, estamos destruindo a nossa casa de forma irrecuperável. Temos que entender que o modelo econômico atual é extremamente danoso, não somente para o planeta terra, mas também para o indivíduo. O excesso de consumismo, a idolatria por bens de consumo, o alto grau de competitividade em que somos impelidos está destruindo as mais básicas estruturas de convívio social. Dessa forma, faz-se urgente uma mudança de paradigma, como afirma Boff,

[...] Este fato suscita lenta e progressivamente um novo estado de consciência. Da consciência de etnia e de classe passamos a consciência de espécie *homo sapiens e demens*. Descobrimo-nos membros da grande família humana e membros da comunidade de vida, irmãos e irmãs, primos e primas de outros representantes da imensa biodiversidade, plantas e animais, que caracterizam a biosfera, aquela camada fina que cerca a Terra constituindo o sistema-vida. Certamente, é mais que uma pequena membrana de vida. É apenas a parte mais visível do próprio planeta Terra, entendido como superorganismo vivo, Mãe, *Pachamama* e Gaia (Boff, 2005, p. 18).

A evolução da sociedade passa pela compreensão de um novo sentido de vida, uma percepção de pertencimento, não mais de uma classe social ou de etnia, mas de pertencimento. A humanidade encontra-se em codependência da natureza, e não é mais possível manter o conceito de crescimento material ilimitado. Para isso, segundo Jung Mo Sung, é preciso mudar os parâmetros de valorização do ser.

Na nossa cultura de consumo, para que uma pessoa seja reconhecida por um determinado grupo social é necessário que ela tenha um determinado padrão de consumo desejado e exigido pelo grupo. Como dizem os estudiosos da cultura contemporânea, a identidade da pessoa e do grupo está ligada ao padrão de consumo. 'Diga o que consumes, e direi quem tu és'. Quanto mais alto o padrão de consumo, mas parece possuir o 'ser' (2005, p. 60).

É preciso criarmos uma nova perspectiva de vida, uma mudança de paradigma com relação a valorização do ser (Boff, 2001). Assim, faz-se necessário uma reavaliação do processo de produção e consumo. É preciso rever o processo ético da valorização social pelo consumo e capital. Isso não é apenas uma ação individual, mas da sociedade (Lowy, 2020).

A transição do paradigma atual, que busca substituir o modelo econômico centrado na promoção do consumismo e do produtivismo por um que valorize uma integração mais profunda entre o ser humano e a natureza, evolui ao surgimento do "eco-ser". Trata-se de um processo que requer uma transformação abrangente na sociedade como um todo.

Essa mudança não pode ocorrer de maneira eficaz sem a colaboração ativa do governo em conjunto com a sociedade em geral, pois demanda estímulo e direcionamento. Ela implica em mudanças conscientes em diversos setores, como o sistema educacional, a produção e o consumo, em suma, uma alteração na forma como os indivíduos se definem a si mesmos, incluindo a criação de uma nova ética baseada em uma nova perspectiva e uma renovação de propósito existencial.

A necessidade de um novo pacto social que promova uma restrição da essência humana é um passo inicial crucial, que começa com a adoção da perspectiva do cuidado. Essa perspectiva envolve compreender o zelo, a preocupação e a responsabilidade para com os outros e, conforme afirma Boff (2001), é intrínseca à própria natureza e constituição do ser humano. O "modo-de-ser" do cuidado revela-se como parte integrante da natureza humana. No entanto, é importante ressaltar que um "modo-de-ser" não implica em uma transformação radical da essência, mas sim na maneira como o ser humano estrutura seu conhecimento e sua relação com o ambiente.

Esse novo pacto representa uma evolução ético-moral tanto a nível individual quanto coletivo. Apesar de estarmos vivendo em um período histórico caracterizado por uma crescente apreensão sobre a sobrevivência da humanidade e do meio ambiente, tem sido feito relativamente pouco, por meio de ações governamentais, para reverter ou, pelo menos, mitigar os efeitos da gestão ambiental. Ainda estamos distantes de adotar plenamente essa perspectiva de cuidado e integração com a natureza, apesar de sua urgência e importância.

#### **4 Há possibilidade de uma nova humanidade?**

A afirmação de que o ser humano sempre diz um sim para a vida precisa ser repensada a partir da compressão de qual é o sentido ou significado do termo vida na sociedade contemporânea. Obviamente, este é um ponto essencial. Em primeiro lugar estão as condições materiais de vida, isto é, condições digna de vida humana, alimentação, moradia, saúde, educação, segurança que possam ser universalizadas. O sim para a vida começa pelo estabelecimento inicial destas condições que são o plano básico para o desenvolvimento humano, a partir dos quais se pode pensar na resignificação e compreensão da felicidade humana.

A atual situação do mundo (poluição do ar, contaminação do solo, pobreza de dois terços da humanidade etc.) revela o estado da psique humana. Estamos doentes por dentro. Assim como existe uma ecologia exterior (ecossistemas em equilíbrio ou desequilíbrio), existe também uma ecologia interior. O universo não está apenas fora

de nós. As violências e agressões ao meio ambiente lançam raízes funda em estruturas mentais que possuem sua genealogia e ancestralidade dentro de nós (Boff, 2008, p. 48).

Tal universalização somente pode ocorrer se houver uma mudança de paradigma da acumulação e da relação do ser humano com a natureza. Como é possível uma mudança de paradigma? É necessário mudanças globais e individuais, privado e público. É necessário que governos adotem medidas eficientes para o estímulo de cuidados ambientais e de pesquisa e desenvolvimento, tanto no âmbito científico quanto social urbano, promovendo a integração do cenário urbano com a natureza. Esta ação não pode se limitar a medidas performáticas, como criação de parques, apesar de não as excluir, mas a natureza deve ser integrada à vida nos bairros e casas. É necessária uma reaproximação do homem urbano com a natureza: o modelo urbano deve mudar, promovendo um *modus vivendi* ecológico e integrado.

Em segundo lugar, é necessário criar uma consciência ecológica crítica, individual e coletiva, não apenas de compromissos que visam a descarregar a consciência. Para isso, é necessária uma sociedade educada que possa avaliar os problemas inerentes ao seu modelo de consumo e de como o sistema produtivo opera. Isso significa uma profunda mudança na forma de viver da sociedade em geral e o desenvolvimento de uma civilização holística, que tenha como centro o ser humano integrado com a natureza, um autêntico eco-ser, ou seja, o ser humano integrado à natureza consciente da importância de sua manutenção para a vida no planeta. Compreende-se, assim, que a vida é um direito para todo ser, desde o mais simples organismo que compõe a esfera de interdependências biológica.

Nesse processo de sustentabilidade, a ciência é um fator importante para a tentativa de controlar o desequilíbrio ambiental, porém deve ser olhada com muito cuidado, uma vez que a promessa da ciência e tecnologia de domínio da natureza, traz consigo consequências muitas vezes não previstas, como a própria degradação ambiental e o efeito estufa, entre outras, muitas vezes não percebidas no primeiro momento.

Nesse aspecto, é preciso uma nova postura no desenvolvimento tecno-científico, uma vez que a capacidade tecno científica cresce de forma exponencial. A marca deste progresso reside mais na imprevisibilidade do que na certeza, por isto é importante incluir nas pesquisas a função social e a preocupação com os efeitos do seu desenvolvimento (Rohregger; Sganzerla; Simão-Silva, 2020). A sociedade vive um constante paradoxo, em que há a preocupação pelo futuro, pela ecologia e o consumismo, porém o que conduz o presente são os interesses econômicos imediatos que têm precedência sobre a atenção com as gerações futuras (Lipovetsky, 2004).

A pergunta pela possibilidade de uma nova humanidade, alicerçada no indivíduo e sociedade eco responsáveis não admite uma resposta negativa, uma vez que sua negação é a manutenção do estado atual da degradação do meio ambiente que acarretará a impossibilidade da vida, a resposta negativa é um não para a vida, uma não para a criação.

## **5 Considerações Finais**

A reflexão desenvolvida neste artigo inicia-se pela constatação da emergência climática que estamos vivendo e as perspectivas para a humanidade se não conseguirmos conter o aquecimento global e reduzir a pressão da poluição e do processo de exploração característicos de uma sociedade baseada no consumismo desenfreado. Enfrentamos um modelo de sociedade em profunda desigualdade social, em que é preciso franquear o acesso a milhões de pessoas a bens de consumo básico, inclusive alimentação. Este desafio não será vencido caso não haja uma mudança profunda no paradigma atual de compreensão do ser, mudança de valorização e sentido de vida do ser para o consumo, para o ser ecológico, o eco-ser, que compreenda o sentido e valorização da vida pela integração holística com a natureza, um ser pertencente a natureza e não um ser acima da natureza.

Preciso compreender que esta mudança é individual e coletiva, precisa começar pelo indivíduo e pela sociedade através da disposição necessária, uma ação governamental, global, mas também, e necessariamente, individual e local. Não é possível esperar que o modelo atual consiga suplantar as dificuldades que são reflexo da sua própria estrutura. Tampouco não é prudente depositar todas as esperanças que a tecnociência resolverá o problema em que nos encontramos e possibilitará a manutenção do nosso estilo de vida ocidental. O desenvolvimento técnico contribui para a situação atual e é preciso a conscientização que o modelo de vida extrativista/consumista, onde não é possível se basear em um consumo infinito. A mudança para a compreensão de uma humanidade fundada no eco-ser implica na mudança de valorização do indivíduo, não mais no sistema consumista, mas profundo, espiritualizado, estruturado no repartir, no compartilhar, não na acumulação, na retenção.

A pergunta pela possibilidade de uma nova humanidade centrada no eco-ser é praticamente uma pergunta retórica, a manutenção da forma atual da vida em sociedade não é uma opção, a negação da possibilidade da mudança de paradigma é uma negação para a vida, é uma opção pela morte, pela destruição. Esta breve reflexão tem como objetivo o debate de possibilidades e desafios que serão necessários para o enfrentamento do desequilíbrio ambiental. Compreende-se que isso não poderá acontecer enquanto não houver uma mudança



da percepção do ser humano para com a natureza, deixando de se apresentar como dominador para assumir sua integralidade e interação ecológica. É necessária uma profunda mudança de paradigma individual e social, é precioso o desenvolvimento de um ecohumanismo, um humanismo centrado no convívio harmonioso com a natureza.

Foi percebida nesta pesquisa a necessidade de aprofundamento em muitos aspectos para alcançar a compreensão deste desafio. Um deles é compreender o papel da tecnociência e sua responsabilidade social. Outro é o desafio do combate a pobreza e a inclusão social de milhões de pessoas ao acesso de bens de consumo básico e de alimentação. Há, também, a necessidade de formação educacional para a transformação da percepção valorativa do ser humano, não mais baseado no consumismo para uma valorização espiritualizada e vinculada ao desenvolvimento ecológico. O desenvolvimento reflexivo destes pontos pode contribuir de forma considerável para a construção da mudança de mentalidade e para a construção de uma sociedade mais justa, prudente e humanizada, que opte sempre pelo caminho da vida.

## Referências

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar; Ética do humano – Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível – Hospitalidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JONAS, H. **O Princípio Responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

LOWY, Michael. 2020. **O que é ecossocialismo?** São Paulo: Ed. Cortez, 2020.

MOLTMANN, Jurgen. **O Espírito da vida – Uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MURIEL, Fernando A. Z.; TRUJILLO, Marta L. M. Ecoteología: aportes de la teología y de la religión en torno al problema ecológico que vive el mundo actual. **Revista Producción + Limpia**, v. 13, p. 92-105, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6789197.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

NAÇÕES Unidas. **Aquecimento global sem precedentes tem clara influência humana, diz ONU**. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759272>. Acesso em: 3 out. 2021.

NAÇÕES Unidas. **No Brasil, 40 milhões de crianças estão expostas a riscos climáticos. 2022.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/11/1805172> . Acesso em: 12 nov. 2022.

ROHREGGER, R., SGANZERLA, A., & SIMÃO-SILVA, D. P. (2020). Synthetic Biology and Genetic Manipulation: Risks, promises and responsibilities. **Ambiente & Sociedade**, 23, e01963, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180196r3vu2020L4AO>. Acesso em: 17 out. 2023.

SUNG, Jung Mo. **Sementes de esperança – A fé em um mundo em crise**, Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.